



Revista de História e Estudos Culturais

Janeiro - Junho de 2022

Vol. 19 Ano 19 n° 1

www.revistafenix.pro.br

ISSN 1807-6971


 10.35355/revistafenix.v19i1.981

UM TREM CHAMADO FUTEBOL: AMBIVALÊNCIAS DA MODERNIDADE E A HISTÓRIA DE UMA NOVA PRÁTICA NOS SERTÕES DAS GERAIS

A TRAIN CALLED FOOTBALL: AMBIVALENCES OF MODERNITY AND THE HISTORY OF A NEW PRACTICE IN THE BACKWOODS OF MINAS GERAIS

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral*

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

 <https://orcid.org/0000-0002-3272-1174>

dvoamaral@gmail.com

RESUMO: Este artigo descreve e interpreta de maneira panorâmica, a difusão espacial do futebol no interior de Minas Gerais, na primeira metade da década de 1920. Mais especificamente, propõe-se que o espraiamento do jogo teve como importante agente motivador os circuitos futebolísticos constituídos por meio de encontros intermunicipais, nos quais, comitivas esportivas, compostas majoritariamente por membros proeminentes das localidades, passaram a cumprir o papel de promover redes de sociabilidades e de cooperação política entre os sócios e os municípios envolvidos com o jogo.

PALAVRAS-CHAVE: História; lazer; futebol; Minas Gerais.

SUMMARY: This article describes and interprets in a panoramic approach, the spatial diffusion of football in the interior of Minas Gerais in the first half of the 1920s. Specifically, it is proposed that the spread of the game had, as an important motivating factor, the football circuits constituted through some inter-municipal encounters, in which, sports caravans composed mainly of prominent members of the localities, began to play the role of promoting networks of sociability and political cooperation amongst the associates and the municipalities involved in the game.

KEYWORDS: History; leisure; soccer; Minas Gerais.

* Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em História pela Universidade Federal de São João del-Rei. Graduado em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais.

Na transição entre os séculos XIX e XX, diversas cidades brasileiras sofreram uma série de intervenções modernizadoras, conduzidas, sobremaneira, por autoridades políticas e grupos abastados locais, quase sempre buscando equivalências com o mundo europeu (MORAES, 2001; FREYRE, 2015; SEVCENKO, 2003). A urbanização, as indústrias, a ferrovia, o automóvel, o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica, o calçamento de ruas e o ajardinamento de praças são alguns exemplos que se associavam ao desejo de superar uma realidade apontada pelos grupos letrados como arcaica e atrasada. Na mesma medida, práticas de lazer serviram também como símbolos de modernidade e de inserção a um “mundo civilizado”. Nesses termos, o teatro, o cinema, o circo, a retreta, o carnaval veneziano e os esportes são algumas das muitas formas de diversões que assumiram *status* de indicadores privilegiados de sofisticação dos hábitos urbanos ao longo da chamada *Belle Époque* brasileira (DIAS, *et al.*, 2019).

Embora a historiografia especializada no assunto esteja majoritariamente concentrada no estudo das cidades mais populosas, economicamente mais dinâmicas e politicamente mais influentes do Brasil, regiões periféricas, isto é, localidades do interior, muitas vezes associadas ao atraso e ao subdesenvolvimento, conheceram também, ainda que à sua maneira, formas de sociabilidades que foram articuladas em torno das emergentes práticas sociais. Os esportes tiveram papel de destaque nesse ensejo, inserindo-se, talvez mais do que se supunha, nas vivências cotidianas de um número expressivo de pequenas cidades, vilas, distritos e até povoados sem qualquer vestígio de urbanização (JESUS, 2000; RIGO, 2001; SANTOS NETO, 2002; CORRÊA, 2017; DIAS, 2017). Mesmo nos centros urbanos mais proeminentes, a despeito das ações e dos discursos modernizadores engendrados no seio das elites cidadinas, que buscavam elevar o Brasil à categoria de um país moderno e cosmopolita, observam-se inúmeras ambiguidades nos modos de vida, que revelam a existência de práticas sociais que transitavam entre o *habitus* da modernidade urbana e as referências simbólicas características do mundo rural.

Elementos dos modos de vida e das sociabilidades rurais permeavam o espaço das cidades mais desenvolvidas do período. Grandes metrópoles como o Rio de Janeiro, capital política e maior centro urbano do país, que foi objeto de um intenso esforço modernizador em princípios do século XX, não se viram livres das diversas ambiguidades na sua estrutura e organização social, “conciliando aspectos tidos como extremamente elegantes e civilizados, com outros, apontados como arcaicos e tradicionais” (SCHWARCZ, 2012; DIAS, 2017). Foi no interior desse universo predominantemente rural ou ambivalente, no caso de regiões com maior índice de urbanização, que os esportes, quase paradoxalmente,

se disseminaram por praticamente todo o país, especialmente a partir do século XX. Por meio do clubismo, como também por outras vias de disseminação, como veremos adiante, práticas esportivas, especialmente o futebol, angariaram a atenção dos associados — geralmente homens proeminentes em suas cidades — como também de plateias, compostas por extratos sociais heterogêneos, ávidas pelos novos espetáculos que se expandiam por todo país.

No estado de Minas Gerais, em particular, apenas nos últimos anos foram produzidos estudos que buscaram analisar aspectos envolvendo a gênese e o desenvolvimento dos esportes em regiões do interior. Cidades como Barbacena, Cataguases, Divinópolis, Governador Valadares, Juiz de Fora, Lavras, Montes Claros, Nova Lima, Oliveira, São João del-Rei, Uberaba e Uberlândia receberam, sob diferentes ângulos, investigações históricas de algumas de suas práticas esportivas (SILVA, 2018; SOARES, 2020; AMARAL, 2016; SILVA, 2012; MORORÓ, 2012; SILVA, 2017; SILVA, 2012; KANTZ, 2017; AMARAL; COUTO, 2019; LIMA, 2014; DIAS, *et al.*, 2014; SILVA; LIMA, 2016). De outra parte, em que pese o nascente *corpus* bibliográfico, a maioria desses estudos, não só em Minas Gerais, como também em outros pontos do interior do Brasil, tende a reproduzir os mesmos esquemas explicativos dos grandes centros urbanos brasileiros do período, procurando demonstrar que um processo de modernização também esteve em curso nessas regiões, tal e qual nas maiores cidades do país, reservados, quando muito, apenas as respectivas proporções. Nesse sentido, “tais pesquisas parecem meros reflexos involuntários das conclusões sobre a história do lazer e da cultura nas maiores regiões metropolitanas brasileiras” (AMARAL; DIAS, 2017).

Com a intenção de ampliar o arcabouço histórico e contextual por meio do qual usualmente se enquadra o estudo da introdução do futebol no país, a presente pesquisa descreve e interpreta, de maneira panorâmica, a difusão espacial dessa prática esportiva nos sertões de Minas Gerais, na primeira metade da década de 1920, momento em que o jogo já havia conquistado adeptos em praticamente todas as regiões do estado. Todavia, ao invés de enfatizar unilateralmente os aspectos modernizadores das transformações em curso naquele momento, tal como fazem outros estudos, o presente artigo, em sentido ligeiramente diferente, pondera que o futebol se desenvolveu em meio a ambientes rurais, ou quando muito ambivalentes, cujo *modus vivendi* se encontrava em plena metamorfose. Além disso, o texto propõe que o espraiamento do jogo teve como importante variável motivadora os circuitos futebolísticos constituídos por meio de encontros intermunicipais, nos quais comitivas esportivas, compostas majoritariamente por membros proeminentes

das localidades, passaram a cumprir o papel de promover redes de sociabilidades e de cooperação política entre os sócios e os municípios envolvidos com o jogo. Assim, parte dessas circunstâncias sugere que, para o entendimento do processo de difusão institucional do futebol pelos sertões mineiros, devem ser elencados outros eixos explicativos, os quais não se enquadrariam no escopo teórico da tradição historiográfica hegemônica alicerçada no binômio urbanização/modernização dos hábitos.¹

O termo sertão, neste artigo, é usado como uma metáfora para o mundo rural ou então para o mundo urbano fora dos centros metropolitanos hegemônicos do país, e não como descrição de um recorte geográfico específico. São as periferias incrustadas nas margens do agito urbano das grandes cidades. Como disse o militar e escritor José Lima de Figueiredo (1941), nos primeiros anos da década de 1940, referindo-se ao “atraso” técnico das regiões ainda não tocadas pelo progresso e a necessidade de mapeamento e nomeação do território nacional, das suas coisas e gentes, “dia a dia nos convencemos de que agora é que começamos a descobrir o Brasil” (p. 135). Os sertões seriam então estes lugares não descobertos pelo olhar da ciência e da civilização, podendo ser encontrados “em toda a parte”, com já bem dizia Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 1986).

O *corpus* documental da pesquisa é constituído por um conjunto diversificado de periódicos que circularam no interior de Minas Gerais no início do século passado. Os jornais *Divinópolis* (1917), *O Reformador* (1920) e *A Estrela da Oeste* (1924), publicados na cidade de Divinópolis, foram consultados no acervo digital do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho, da Universidade do Estado de Minas Gerais.² Os exemplares do jornal *Gazeta de Minas* (1917, 1919, 1920, 1923, 1924), publicados na cidade de Oliveira, foram consultados no acervo digital do próprio editorial.³ Já os jornais *A Verdade* (1922), *A Voz do Povo* (1920), *Colombo* (1920), *Gazeta de Ouro Fino* (1914) e *Gazeta do Norte* (1928), publicados respectivamente nas cidades de Rio Preto, Conselheiro Lafaiete, Campanha, Ouro Fino e Montes Claros, foram consultados no site da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.⁴ Adicionalmente, com vistas a ampliar o escopo documental da pesquisa, consultamos também obras memorialísticas e documentos do

¹ Para uma discussão a respeito dessa historiografia, ver (DIAS, 2013).

² <<http://www.emredes.org.br/>>.

³ <<http://acervo.izap.com.br/>>.

⁴ <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>.

poder público estadual e federal, tais como censos demográficos ou recenseamentos estaduais, disponíveis no catálogo digital da Biblioteca do Ministério da Fazenda.⁵

UM ESPORTE RURAL?

No ano de 1920, Minas Gerais, um dos estados economicamente mais dinâmicos e de maior volume demográfico do país, constituía-se, territorialmente, de 178 municípios que dirigiam politicamente 789 distritos (MINAS GERAIS, 1926, v. I, p. 63). Por meio do cotejamento de dados estatísticos, constatou-se que, dentre todos os municípios, apenas três contavam na sede municipal ou cidade administrativa com uma população urbana acima de 12.000 habitantes: a capital Belo Horizonte, na Zona do Centro; Juiz de Fora, na Zona da Mata e Uberaba, no Triângulo Mineiro, respectivamente com 49.211, 29.988 e 19.338 moradores (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 926-931). Em números percentuais, aproximadamente 92% das sedes municipais possuíam, na época, uma população rural maior que a urbana: 73% dos seus moradores residiam nas áreas rurais, tais como fazendas e povoados, realidade que talvez fosse ainda mais acentuada nos distritos (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 926-931). Apesar de não haver dados referentes à distribuição populacional das áreas urbanas e rurais dos distritos, percebe-se que se tratavam de localidades pouco ou nada urbanizadas. Apenas 8% dessas nucleações podiam contar com um volume demográfico acima de 10 mil habitantes, cujos moradores, em sua grande maioria, residiam em pequenos povoados rurais instalados nas adjacências das sedes distritais (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 843-857).

Assim, não nos surpreende o fato de as principais relações de comércio e de trabalho desses municípios girarem ao redor das atividades agrícolas e pastoris. No ano de 1919, Minas Gerais teve recenseados pelos agentes da estatística estadual 115.665 estabelecimentos rurais que produziam arroz, milho, trigo, feijão, batata-inglesa, mandioca, farinha, polvilho, tapioca, café, algodão, cana-de-açúcar, açúcar, fumo, mamona, aguardente, álcool, mel, lã, laticínios, vinho de uva e de outras qualidades, madeira, fibras, resinas, cascas, cera, castanha e coco de diversas espécies. No mesmo período, o rebanho mineiro (o maior do Brasil) foi contabilizado em 23.128.065 cabeças de gado, ave e porcos, além de 30.068 colmeias (MINAS GERAIS, 1926, v. III, p. 135-242). Mesmo os empreendimentos industriais estavam, em grande medida, ligados à produção agropecuária. Das 1.349 indústrias recenseadas em Minas, aproximadamente 53% delas dedicavam-se à

⁵ <<http://memoria.org.br/>>.

produção de farinha de mandioca e polvilho, fubá e farinha de milho, café moído, laticínios, curtumes e charque, e ao beneficiamento de café, arroz e algodão (MINAS GERAIS, 1926, v. III, p. 251-253). Não por acaso, enquanto 24% da mão de obra que trabalhava de forma remunerada e declarava sua profissão atuava em atividades como “indústria”, “transporte”, “comércio”, “administração”, “profissões liberais” e “serviços domésticos”, a “exploração do solo”, por outro lado, empregava, sozinha, 76% do contingente laboral (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 393-481).

Todos esses dados se prestam a elucidar o caráter acentuadamente rural da vida em Minas Gerais naquela época, o que não impediu que os esportes e outros fenômenos sociais considerados modernos fossem disseminados. Segundo dados oficiais, no ano de 1921, funcionavam regularmente no estado 348 clubes “desportivos” espalhados pelo território de 125 sedes municipais e 73 distritos, congregando 28.493 sócios (MINAS GERAIS, 1926, v. IV, p. 421-442). É possível especular que esses números sejam ainda maiores. Diversos outros clubes esportivos que estavam ativos no início da década de 1920, por exemplo, o *Irmãos Foot-Ball Club*, do distrito de Ribeirão Vermelho, o *Estrela do Oeste Foot-Ball Club*, do distrito de Carmo da Mata, o *Manoel Baeta Foot-Ball Club*, do distrito de Cristiano Ottoni, o *Divinópolis Foot-Ball Club*, da cidade de Divinópolis e o *Operário Foot-Ball Club*, da cidade de Oliveira, por alguma razão, não entraram no recenseamento dos agentes da estatística (VILELA, 1998, p. 157-158; GAZETA DE MINAS, 8 de fevereiro de 1920, p. 2; A VOZ DO POVO, 10 de outubro de 1920, p. 3; O REFORMADOR, 18 de janeiro de 1920, p. 3; GAZETA DE MINAS, 19 setembro de 1920, p. 2). Essa situação sugere que o número de clubes, de sócios e de localidades que se envolveram institucionalmente com os esportes foi superior aos resultados oferecidos no recenseamento esportivo do estado.

De todos os municípios recenseados, Belo Horizonte, com 15 clubes e 2.847 sócios, Juiz de Fora, com 9 clubes e 2.412 sócios e Uberaba, com 10 clubes e 1.069 sócios, foram as cidades que apresentaram, em tese, indícios de um campo esportivo mais adiantado, abarcando, conjuntamente, 21% do volume total de sócios do estado. À primeira vista, esses números revelam que as três cidades com maior população citadina foram os principais centros esportivos de Minas, reforçando o aspecto tipicamente urbano desse fenômeno. Contudo, um olhar mais atento, relativiza essa superioridade numérica das atividades esportivas dos centros urbanos mais proeminentes em relação às localidades de menor expressão.

Por volta do ano de 1920, a cidade de Palmira, localizada na Zona do Centro, possuía uma população de 11.734 habitantes, dos quais, aproximadamente, 90% residiam

em áreas rurais, dedicando-se, mormente, às atividades agropecuárias. Nessa mesma época, 70% do contingente da mão de obra municipal trabalhava na “exploração do solo” (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 446). Não obstante, tal realidade esconde o quão dinâmico era o envolvimento dos moradores da cidade de Palmira com os esportes. Se compararmos proporcionalmente o número de sócios com o número de habitantes, veremos como institucionalmente os esportes eram organizados em dimensões relativamente próximas dos centros mais urbanizados. No ano de 1921, estavam em atividade nesta cidade cinco clubes esportivos que reuniam 580 sócios, o que nos permite constatar que, aproximadamente, de cada 20 moradores, pelo menos um estava envolvido com clubes esportivos locais (MINAS GERAIS, 1926, v. IV, p. 428, 437). Em termos comparativos, neste mesmo ano, os agentes da estatística recensearam na capital Belo Horizonte um sócio para cada 19 habitantes, em Juiz de Fora um sócio para cada 21 habitantes e em Uberaba um sócio para cada 37 habitantes. Essas proporções, talvez, sejam estendidas para outros fenômenos sociais supostamente modernos. Enquanto Juiz de Fora, por exemplo, considerada no período como “polo cultural do estado de Minas Gerais” (CHRISTO, 1994), contava com 2 cinemas e 8 associações literárias e recreativas, a pequena cidade de Palmira, cuja população urbana e suburbana era de apenas 1.288 moradores, contava também com 2 cinemas, além de 9 associações literárias e recreativas (MINAS GERAIS, 1926, v. IV, p. 51, 52, 336, 337, 423, 424).

Em outro exemplo, Dolores do Indaiá, localizada na Zona Oeste do estado, cidade cuja sede administrativa era desprovida de diversos melhoramentos públicos, a exemplo de energia elétrica, calçamento e arborização de ruas, abastecimento domiciliar de água, estação telegráfica e rede telefônica, vivenciou também a emergência de práticas lúdicas consideradas modernas e de bom gosto. Ainda que no ano de 1920 94% dos seus habitantes fossem moradores de áreas rurais, e 79% da mão de obra municipal atuasse na “exploração do solo” (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 428, 928), os agentes da estatística recensearam 3 clubes esportivos que congregavam 192 sócios, o que numa média daria um sócio para cada 56 moradores (MINAS GERAIS, 1926, v. IV, p. 45, 51, 435). A cidade também possuía 4 associações artísticas e recreativas, uma biblioteca municipal e um cinema (MINAS GERAIS, 1926, v. IV, p. 51, 310, 335, 454). Longe de ser uma exclusividade das cidades de Palmira e Dolores do Indaiá, este cenário com algum tipo de agitação cultural parece ter sido regra e não exceção por todo o interior mineiro, especialmente no que diz respeito aos esportes.

Na pequena cidade de Cataguases, na Zona da Mata, que contava com apenas 4.284 pessoas residindo na sede administrativa (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 846, 927), foram recenseados 3 clubes esportivos e 840 sócios, em outras palavras, um sócio para cada 17 moradores, incluindo outros 7.920 provenientes das áreas rurais (MINAS GERAIS, 1926, v. III, p. 433). Ainda na Zona da Mata, o pequeno distrito de São Pedro do Pequeri, de apenas 3.616 habitantes (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 850), vinculado ao município de Mar de Espanha, possuía, na mesma época, um clube esportivo que reunia 200 sócios, ou seja, uma média de um sócio para cada 18 moradores (MINAS GERAIS, 1926, v. IV, p. 436). Esses exemplos não apenas sugerem que o envolvimento esportivo em localidades do interior mineiro foi proporcionalmente próximo ou até maior do que o envolvimento de sócios nos centros urbanos de maior expressão, nomeadamente, Belo Horizonte, Juiz de Fora e Uberaba, como também que os esportes estiveram presentes no contexto social de inúmeras pequenas localidades sertanejas com poucos vestígios de urbanização. Das 125 sedes municipais recenseadas com clubes esportivos em Minas Gerais, 71% contavam com uma população urbana inferior a 4.000 habitantes, e dos 73 distritos, aproximadamente, 90% contavam com uma população urbana e rural abaixo de 10 mil habitantes, sendo que algumas dessas povoações, como os distritos de Santa Rita do Ibitipoca, do município de Barbacena, Córrego do Ouro, do município de Campos Gerais, Araçá e Cordisburgo, do município de Paraopeba, Passagem, do município de Mariana e Paredes de Sapucahy, do município de São Gonçalo do Sapucahy, o total de volume demográfico era abaixo dos 3.000 habitantes (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 426-432, 843-857). Assim, pode-se constatar que os esportes, já no início da década de 1920, haviam fixado raízes mesmo nas pequenas povoações, periféricas e rurais incrustadas nos recônditos mineiros.

Em relação às modalidades organizadas pelos sócios dos clubes esportivos recenseados em Minas Gerais no ano de 1921, o futebol foi, disparadamente, o esporte mais praticado e institucionalizado. Neste ano, aproximadamente 74% dos clubes traziam explicitamente em sua nomenclatura o termo “foot-ball”. É provável que essa porcentagem seja ainda maior. Outros 24% dos clubes traziam as nomenclaturas “sport”, “sportivo”, “sportiva”, “desportivo”, “desportiva”, “athletico”, “athletica”, “athletic” ou apenas “club”, que também foram adotadas por clubes de futebol (MINAS GERAIS, 1926, v. IV, p. 431-442). *Oliveira Sport Club* e *Industrial Sport Club*, da cidade de Oliveira, *Sport Club Rio Preto*, da cidade de Rio Preto, *Club Athletico Mineiro*, *Societá Sportiva Palestra Itália* e *Yale Athletic Club*, da capital Belo Horizonte, *Vila Nova Athletic Club* e *Morro Velho Athletic Club*, da vila de Nova Lima, são alguns dos clubes que, na verdade, estavam dedicados aos jogos

futebolísticos (AMARAL, 2016; COUTO, 2013; SILVA, 2007). Apenas 2% dos clubes esportivos do estado traziam nomenclaturas com referências a outras modalidades, quais sejam: “jokey”, “gimnástica”, “pebol”, “volley-ball” e “basket-ball” (MINAS GERAIS, 1926, v. IV, p. 431-442).

Além da via clubística, o futebol também conquistou outros espaços, a exemplo dos pátios escolares e das ruas, largos e praças, ampliando ainda mais seu espectro de alcance. No primeiro caso, diversos estabelecimentos de ensino do interior do estado se envolveram e estimularam a prática e a institucionalização do jogo que, gradativamente, adquiria papel de destaque nas vivências esportivas dos alunos. Entre alguns exemplos de escolas envolvidas com o futebol no início do século passado podemos destacar: o Instituto Evangélico, da cidade de Lavras, o Ginásio Oliveirense e o Ginásio São Geraldo, da cidade de Oliveira, o Ginásio Santo Antônio, da cidade de São João del-Rei, o Grupo Escolar Gonçalves Chaves, da cidade de Montes Claros e o Ginásio Diocesano, da cidade de Uberaba (SILVA, 2017; AMARAL; COUTO, 2017; SILVA, 2013). No segundo caso, uma série de denúncias contra os praticantes do futebol de forma não institucionalizada nas vias públicas foram publicadas em periódicos que circularam no período. Via de regra, esses registros se queixavam dos “*foot-ballers* ambulantes” que, supostamente, estariam quebrando vidraças e lâmpadas dos postes de iluminação elétrica, levantando “uma poeira infernal” ou ainda marcando os transeuntes com a lama da bola.

Em São João del-Rei, por exemplo, no ano de 1914, um cronista publicou uma nota relatando que havia procurado o delegado de polícia, solicitando que o mesmo tomasse providências em relação ao “franco desenvolvimento do *foot-ball* pelas ruas” (LIMA, 2014). Em Barbacena, no ano de 1920, lia-se outra crônica que solicitava ao delegado de polícia “um ponto final às reclamações” do futebol praticado nas ruas (CIDADE DE BARBACENA, 14 de outubro de 1920, p. 2). Em Oliveira, no ano de 1923, efetuou-se uma operação policial, dirigida pelo delegado daquela cidade, Dr. Jayme Pinheiro, com objetivo de apreender todas bolas e “reprimir” os praticantes do jogo nas vias públicas (AMARAL; COUTO, 2017). Por fim, em Montes Claros, mais precisamente em junho de 1928, um cronista do jornal *Gazeta do Norte* publicou uma nota informando que as autoridades policiais haviam “proibido o jogo de *foot-ball* nas ruas da cidade” (GAZETA DO NORTE, 2 de junho de 1928, p. 1). Embora fuja aos desideratos da pesquisa, essa preocupação de cronistas da imprensa e o envolvimento repressivo das autoridades policiais na disseminação do jogo pelas vias públicas revelam como a difusão do futebol foi muito além da sua institucionalização clubística. Caberia posteriormente uma

pesquisa dedicada à análise da distensão do jogo em suas formas bricolada e escolar, cujos processos de difusão se deram *pari passu* ao desenvolvimento dos clubes. Essa articulação seria extremamente valiosa para a compreensão mais aguçada e abrangente da penetração do futebol em Minas Gerais.

No que diz respeito especificamente à organização clubística, à medida que o futebol gradativamente passava a ser praticado de forma institucional em diferentes pontos do estado, uma série de circuitos futebolísticos se despontaram, possibilitando, conseqüentemente, o aquecimento das relações sociais e políticas entre sócios e localidades envolvidas com os encontros esportivos. Com efeito, os jogos de futebol eram acontecimentos que modificavam o cotidiano das localidades mineiras. Em diversos registros da época, são mencionadas grandes aglomerações humanas que se formavam ao redor dos campos esportivos, o que fomentava novas formas de sociabilidade que extrapolavam os sentidos do esporte, como veremos na próxima seção.

CIRCUITOS FUTEBOLÍSTICOS NOS SERTÕES DE MINAS GERAIS

No dia 2 de março de 1917, na Zona Oeste do estado, a comitiva esportiva do *Divinópolis Foot-Ball Club*, da cidade homônima, visitou a vizinha cidade de Oliveira, por ocasião do encontro intermunicipal que seria realizado contra a comitiva do *Oliveira Sport Club* daquela localidade. Em sua chegada à estação ferroviária, os divinopolitanos foram recebidos pelos sócios oliveirenses com fogos de artifício e ao som de uma banda de música, de onde foram encaminhados para um almoço no Hotel Central. Após a refeição, os sócios de ambas as comitivas fizeram um passeio pelas ruas centrais de Oliveira, sendo acompanhados pela banda de música e pelos assistentes até o campo de jogo. Ao término da partida, os sócios do *Oliveira Sport Club* ofereceram aos divinopolitanos uma “animada” batalha de confete e lança-perfume no Cinema Oliveirense, que se estendeu até a madrugada. No dia seguinte, as festividades continuaram no Cinema Teatro da cidade de Divinópolis. A comitiva oliveirense foi representada pelo Coronel Manoel Antônio Xavier, que além de ter sido presidente da Câmara Municipal de Oliveira, era encarregado de realizar levantamentos estatísticos da produção agropecuária de Divinópolis, Oliveira e municípios adjacentes, atributos que indicavam sua proeminência social (DIVINÓPOLIS, 18 de fevereiro de 1917, p. 3).

O relato acima revela duas situações que merecem destaque. A primeira, o volume significativo de investimento dos sócios para participarem de encontros intermunicipais. O

conjunto de eventos que envolvia as festividades em torno dos jogos de *foot-ball* exigia uma complexa logística que encampava, dentre outras tarefas, a compra de fogos, a contratação de bandas de música, a organização de banquetes, a reserva de hospedagens em hotel, e até a aquisição de passagens de trem. Não por acaso, o quadro de sócios de ambas as comitivas constituía-se de profissionais liberais, acadêmicos, comerciantes, autoridades políticas e funcionários públicos, fato que explica a viabilidade econômica da organização e a própria participação desses homens nos cerimoniais pomposos que acompanham a disputa esportiva. A segunda concerne ao estreitamento das relações entre os sócios das comitivas e a aproximação política das localidades envolvidas, o que denotava também a distinção do quadro de associados, que ostentava o *status* de “embaixadores” das localidades envolvidas com os encontros esportivos (AMARAL; COUTO, 2019).

Doravante, alguns meses após o encontro intermunicipal na cidade de Oliveira, um “seleto” grupo de sócios da cidade de Bom Sucesso, fundou a comitiva esportiva do *Bom Sucesso Foot-Ball Club*, recebendo, na festa inaugural, um ofício de congratulações do clube de Divinópolis (DIVINÓPOLIS, 29 de julho de 1917, p. 3) e um representante do clube de Oliveira (GAZETA DE MINAS, 17 de junho de 1917, p. 1). Nessa época, outras localidades das adjacências de Divinópolis, Oliveira e Bom Sucesso também fundaram clubes de futebol, a exemplo de São Gotardo (1917), Itapecerica (1918), Pitangui (1919), Bom Despacho (1919), Formiga (1919), Japão (1919), Carmo do Cajuru (1919), Carmo da Mata (1919), Bambuí (1920), Passa Tempo (1920), Santo Antônio do Monte (1920), Abaeté (1921), Perdões (1921) e Piumhi (1921) (MINAS GERAIS, 1926, v. IV, p. 433-438). Essa profusão de clubes foi acompanhada por uma espécie de “circuito futebolístico regional”, onde os encontros intermunicipais assumiram o papel de promover sociabilidades, aproximação política e integração das elites envolvidas, aspectos que recebiam especial atenção dos cronistas que publicavam registros dos encontros intermunicipais entre os clubes desta Zona.⁶

Podemos citar que, em dezembro de 1919, a comitiva do *Estrela do Oeste Foot-Ball Club*, do distrito de Carmo da Mata, visitou a cidade de Itapecerica, para tomar parte das comemorações do primeiro ano de fundação do *São Bento Foot-Ball Club* (GAZETA DE MINAS, 7 de dezembro de 1919, p. 3). Em janeiro de 1923, a comitiva do *Oliveira Sport Club* visitou a vila de Passa Tempo para participar dos festejos de inauguração da luz elétrica, organizados pela Câmara Municipal daquela localidade, realizando, após a missa

⁶ Para uma síntese das redes de sociabilidades inter-regionais proporcionadas pelo futebol no Oeste mineiro, e seus desdobramentos no perfil combativo do jogo na virada para a década de 1920, ver (AMARAL, 2017).

cantada, um encontro intermunicipal contra o *Passa Tempo Foot-Ball Club* (GAZETA DE MINAS, 21 de janeiro de 1923, p. 3). No mês seguinte, os sócios do *Oliveira Sport Club* receberam a visita da comitiva do *Bom Sucesso Foot-Ball Club*, da cidade de Bom Sucesso, que se hospedaram em Oliveira por três dias para participarem de uma série de festividades organizadas pelos anfitriões, o que incluía um encontro esportivo (GAZETA DE MINAS, 25 de fevereiro de 1923, p. 2). Em novembro de 1923, a comitiva do *Independência*, da vila de Claudio, visitou o distrito de Carmo da Mata para um encontro de futebol a ser realizado contra o *Sparta*, que culminaria com um baile na residência de um fazendeiro local (GAZETA DE MINAS, 23 de novembro de 1923, p. 3). Em outro registro, datado de junho de 1924, “a embaixada da amizade” do *Pitangui Foot-Ball Club*, da cidade de Pitangui, desembarcou na estação ferroviária de Henrique Galvão para participar das comemorações do aniversário de emancipação política da cidade de Divinópolis e disputar um encontro intermunicipal (A ESTRELA DA OESTE, 8 de junho de 1924, p. 1).

Todos esses registros, notoriamente, apontam para a abertura de vias de conexão entre as pequenas cidades, vilas e distritos da Zona Oeste do estado envolvidas com a organização institucional do futebol, que proporcionava, de forma bastante peculiar, o aquecimento das relações inter-regionais dos sócios e localidades envolvidas. A fundação de uma comitiva futebolística tornava-se fundamental para que essas localidades fossem “representadas”, por intermédio dos associados, em eventos políticos ou em comemorações que reunissem as altas rodas do interior mineiro. Mesmo em pequenos povoados rurais, os grupos mais abastados buscavam na organização de comitivas esportivas uma inserção nesse universo social privilegiado. Em abril de 1924, no povoado de Tombador, foi inaugurado um campo de futebol por iniciativa de fazendeiros:

O dia 06 do corrente, foi fartamente festejado neste distrito, no importante e prospero povoado do “Tombador”, onde reside um pessoal progressista e animado. Este importante povoado que conta com cerca de mil e quinhentas pessoas, pertence a três distritos: Japão, Passa Tempo e São João Baptista. Gente alegre e unida construiu para distração da mocidade local, um magnifico campo de foot-ball, junto a um cruzeiro, em aprazível ponto do povoado por iniciativa dos importantes fazendeiros cel. Aureliano de Santo Antão (o popular Lily), Bento Bilasio da Silva (cap. Bento), José Gonçalves e Arthur Golveia. [...] A uma hora da tarde foi dado o sinal de reunir para ter lugar a cerimônia de inauguração do campo e início do jogo [...] Neste momento, o cel. Lily usando a palavra agradeceu aquela enorme concorrência do povo que ali se achava, dando tamanho brilho a festa e depois de saudar aos políticos deste distrito, a banda de música e a todos os presentes, deu a palavra ao Vigário Jose Cocozzi que em um belo discurso aplaudiu aquela fraternal reunião, aconselhando a todos, conservarem sempre a mesma harmonia a bem do progresso do povoado e engrandecimento

do distrito, e convidando os presentes, aproximarem-se do campo de foot-ball, terminou seu brilhante discurso, levantando um brinde de honra ao nosso prezado chefe deputado Pinheiro Chagas, na pessoa do nosso amigo Andrade que ali se achava presente.

Iniciou-se então o jogo entre os quadros do “América”, do “Paciência” e do “Calfate”, mostrando-se todos treinados e ágeis, e defenderam sempre suas posições com segurança, tendo terminando o jogo com o empate de 0 x 0.

A noite houve um animado baile na fazenda do cel. Lily, retirando-se no dia seguinte os convidados cativos pelo modo amável com que foram tratados pelos srs. Cel. Lily, Bento Belizario, Arthur Gouvêia e seus dignos companheiros.

Parabéns ao Povoado do Tombador (GAZETA DE MINAS, 13 de abril de 1924, p. 2).

A nota descrita acima é um exemplo emblemático da importância social conferida ao futebol, cuja possibilidade de congregar grupos abastados e autoridades políticas na oferta de jogos, parece ter permeado o interesse em organizar comitivas e praças esportivas, não apenas dos fazendeiros do povoado de Tombador, mas também dos demais sócios de clubes do Oeste e, talvez, das demais Zonas do estado. Nessa lógica, alguns registros jornalísticos de encontros intermunicipais disputados por clubes mineiros em diferentes pontos do estado e fora dele, dão pistas de como o espraiamento institucional do jogo desdobrou-se na construção de uma série de circuitos futebolísticos que proporcionavam redes de sociabilidades e de cooperação política entre sócios e localidades.

Na Zona Sul do estado, na cidade de Ouro Fino, um cronista publicou uma nota em junho de 1914, mencionando que soube por “fontes limpas” que os sócios do *Ouro Fino Foot-Ball Club* iriam receber um convite dos “itapirenses” do estado de São Paulo, para a disputa de um “*match*” amistoso, o que permitiria aos “*foot-ballers*” retribuir a “visita com que foram honrados” (GAZETA DE OURO FINO, 7 de junho de 1914, p. 1). Ainda no Sul, na cidade de Campanha, os sócios do *Scratch Campanhense*, arrecadaram, em junho de 1919, segundo um cronista, donativos para arcar com a hospedagem e “outras despesas” necessárias para a recepção da comitiva do *Cambuquirense Foot-Ball Club*, da vila de Cambuquira (COLOMBO, 19 de junho de 1920, p. 4). Na Zona do Centro, na cidade de Queluz, uma comissão formada pelos Drs. Francisco R. Pereira Junior e Candido Queiros e pelo Sargento Jeffrey Brissac, propôs, em outubro de 1920, por intermédio do jornal *A Voz do Povo*, a realização de um torneio amistoso de futebol que contaria com a participação de clubes de Queluz, Conselheiro Lafaiete, Congonhas e Cristiano Otoni (*A VOZ DO POVO*, 10 de outubro de 1920, p. 3). Já na Zona da Mata, na cidade de Rio Preto, noticiou-se em maio de 1922, no jornal *A Verdade*, que os sócios do *Sport Club Rio*

Preto receberiam a visita da comitiva do *Delphinense Foot-Ball Club*, da vizinha estação de Alberto Furtado (A VERDADE, 14 de maio de 1922, p. 2).

Em síntese, esses circuitos futebolísticos estiveram presentes em praticamente todo o interior do estado, inclusive com a participação de pequenas aglomerações populacionais, como foi o caso do povoado de Tombador, com apenas 1.500 habitantes, e o distrito de Cristiano Otoni, com apenas 2.853 habitantes (MINAS GERAIS, 1926, v. II, p. 854). Os desdobramentos desses jogos se materializaram nas múltiplas redes de interação esportiva entre áreas rurais que se conectavam com nucleações de suas circunvizinhanças, ou de outras regiões mineiras, ou mesmo de outros estados, por meio de encontros intermunicipais. Tais conexões que facilitavam, no bojo dos circuitos futebolísticos, a congregação dos grupos abastados e a aproximação e a “representação” política das localidades, parecem ter tido participação importante, tanto no espraiamento institucional, quanto na preferência esportiva dos sócios que fundaram “embaixadas” de futebol ao longo das duas primeiras décadas do século passado.

Essa grande repercussão do jogo teve reflexos também na participação dos espectadores. Algumas atividades esportivas de maior apelo social, como era o caso dos encontros intermunicipais, exigiam um cerimonial que modificava completamente o cotidiano das localidades que sediariam tais encontros: fogos de artifício, bandas de música, desfile dos jogadores e cavalgadas eram algumas das manifestações que antecederiam os jogos e atraíam a participação dos moradores locais, especialmente por se tratar, pelo menos de forma não institucional, de uma diversão gratuita. Diferentemente dos jogos de maior repercussão da capital Belo Horizonte, que na época eram realizados no Prado Mineiro, um espaço fechado e com cobrança de ingressos (NETO, 2010), nas pequenas cidades do interior, percebe-se nos registros jornalísticos, que as praças de esportes eram abertas a toda a população, e mesmo que alguns campos contassem com pequenas arquibancadas, geralmente reservadas para as “principais famílias”, não era habitual, pelo menos nas fontes cotejadas, cobrança de ingressos e instalação de barreiras que proibissem a presença dos grupos populares ao redor do campo.

A título de exemplo, em fevereiro de 1917, na visita da “embaixada” esportiva de Divinópolis à cidade de Oliveira, para a disputa de um encontro intermunicipal contra a comitiva do *Oliveira Sport Club*, um cronista divinopolitano que acompanhou a partida publicou os seguintes números em relação à assistência: “Ladeado o campo por 3 mil pessoas talvez, deu-se início ao jogo às 4 horas da tarde no meio da maior ansiedade” (DIVINÓPOLIS, 18 de fevereiro de 1917, p. 3). Por este dado é possível conjecturar um

grande envolvimento de assistentes em algumas partidas de futebol no interior mineiro. Nessa época, a população de Oliveira era inferior a 12 mil habitantes, o que nos permite constatar que, aproximadamente, 25% da população urbana e rural da cidade “ladearam” o campo e assistiram o embate esportivo. À guisa de comparação, na capital Belo Horizonte, que no ano de 1915 contava com uma população de aproximadamente 40.000 habitantes, o público que compareceu ao Prado Mineiro, em setembro de 1915, para acompanhar a partida intermunicipal entre o *Club Athletico Mineiro* e o *Sport Club Gramberyense* de Juiz de Fora, foi contabilizado por um cronista belo-horizontino em cerca de 1.000 pessoas, ou seja, apenas 4% dos moradores da cidade adentram nas gerais ou nas arquibancadas do Prado Mineiro para assistirem ao jogo (NETO, 2010). É provável que essa aglutinação de assistentes não tenha sido uma exclusividade da cidade de Oliveira. Embora as crônicas sobre os clubes do interior não explicitarem o número de torcedores, algumas descrições de participação do público como “concorridíssimo”, “enorme assistência” e “multidão de amadores” evidenciam a grande participação de espectadores nas partidas do interior do estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como indica a análise do conjunto de fontes arroladas nesta pesquisa, no início da década de 1920 os encontros futebolísticos movimentaram um número significativo de espectadores nas pequenas localidades do interior, onde, em alguns casos, superava proporcionalmente o envolvimento das plateias nas maiores cidades do estado.

Com efeito, essas constatações contribuem para relativizar alguns dos pressupostos da vertente hegemônica da historiografia, uma vez que permitem inverter o papel dos sertões no processo de espraiamento dos esportes no Brasil. De meras coadjuvantes, as pequenas cidades do interior, a partir da constituição dos diversos circuitos futebolísticos intermunicipais, mostraram seu protagonismo e sua pujança social. Longe de se apresentarem como cópias do “esforço civilizador” deflagrado nas principais capitais do país, a análise das práticas esportivas e de lazer — posto que os espetáculos futebolísticos comportavam essas duas dimensões — evidencia que as articulações sociais em torno dessas atividades conformaram uma complexa rede de interesses políticos que mobilizava a adesão dos segmentos mais abastados das cidades sertanejas. Contraditoriamente, o caráter festivo e incipiente dos espetáculos futebolísticos, regados de pompa e cordialidade, atraía também a atenção de gente das mais diversas camadas sociais

em busca de novas diversões, já que a entrada aos eventos era geralmente franqueada a todos os moradores.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. “**À mania intoxicadora**”: introdução clubística e consolidação dos sentidos de competitividade do foot-ball no Centro-Oeste mineiro (1888-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2016.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. História do futebol em Divinópolis – MG: cavalheirismo e integração regional (1916-1930). **Revista Fulia**, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 90-111, maio-ago. de 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; Couto, Euclides de Freitas. O futebol no Oeste de Minas: os encontros intermunicipais e os sentidos das práticas esportivas em Oliveira (1916-1925). **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 105-124, maio-ago. de 2019.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de Freitas. “Um festin obscuro”: pertencimento clubístico e expansão socioespacial do foot-ball em Oliveira – MG (1920-1930). **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 1-19, jan.-jun. de 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890- 1920. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 239-240, jul.-dez. de 2017.

CHRISTO, M. de C. V. **Europa dos pobres**: o intelectual e o projeto educacional dominante em Juiz de Fora na belle époque mineira. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

CORRÊA, Joyce Nanci da Silva. Sports na terra dos rincões: Acre 1909-1922. In: **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p. 24-45, set.-dez. de 2017.

COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o futebol**: integração social e identidades coletivas (1897-1927). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

DIAS, Cleber, *et al.* Esportes nos sertões das Gerais. In: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina (Org.). **Histórias do lazer nas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2019.

DIAS, Cleber, *et al.* História do futebol em Minas Gerais. **Tempos Gerais**, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 67-86, jan.-jun. de 2014.

DIAS, Cleber. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. **Revista Tempo**, Niterói, v. 17, n. 34, p. 33-44, jan.-jun. de 2013.

DIAS, Cleber. Esportes nos confins da civilização: Mato Grosso, 1920-1930. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 34, p. 66-90, jan.-abr. de 2017.

FIGUEIREDO, José de Lima. **Cidades e sertões**: páginas da história e geografia do Brasil. Rio de Janeiro: Bloch, 1941.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. A via platina da introdução do futebol no Rio Grande do Sul. In: **Lecturas**, Buenos Aires, año 5, n. 26, 2000.

KANITZ, Roberto Camargos Malcher. **Vila Nova Athletic Club: história do futebol operário em Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LIMA, Alex Witney. Trilhas históricas do foot-ball em São João del-Rei: os clubes, as ligas e os campeonatos (1909-1921). **Tempos Gerais**, São João del-Rei, v.3, n. 2, p. 105-122, jul.-dez. de 2014.

MORAES, José Geraldo Vinci. **Cidade e cultura urbana na primeira república**. São Paulo: Atual, 2001. FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. Rio de Janeiro: Global, 2015.

MORORÓ, Anderson de Carvalho. **O futebol em Juiz de Fora: uma perspectiva através da imprensa (1904-1914)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

NETO, Georgino Jorge de Souza. **A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. Dissertação (Mestrado em lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2004.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira – 36ª edição, 1986.

SABRINA, Alves da Silva; COUTO, Euclides de Freitas. Circularidade cultural e modernização dos hábitos: o modelo clubístico do Athletic club, em São João Del-Rei/MG (1909-1925). **Tempos Gerais**, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 123-136, jan.-jun. de 2014.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Introdução: as marcas do período. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (coord.). **História do Brasil nação: 1808-2010**. Vol. 3 (A abertura para o mundo, 1889-1930). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Bruno Adriano Rodrigues. Uma cultura escolar de esporte no Instituto Evangélico, Lavras, Minas Gerais (1893-1919). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, vol. 17, n. 2, p. 56-82, abr.-jun. de 2017.

SILVA, Igor Maciel da. **Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931)**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Igor Maciel da; LIMA, Cássia Danielle Monteiro Dias. A bola rolando no “Triângulo”: apontamentos sobre a história regional do futebol no Triângulo Mineiro e seus diálogos com São Paulo no início do século XX. **Vozes, Pretérito e Devir**, v. 5, n. 1, p. 149-162, 2016.

SILVA, Luciano Pereira da. O foot-ball e o início da diversão esportivizada em Montes Claros – MG. **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 1-30, mar. de 2013.

SILVA, Thiago Felipe da. O futebol em uma cidade do interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata. In: SILVA, Silvio Ricardo da;

DEBORTILI, José Alfredo de O.; SILVA, Thiago Felipe da (org.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SOARES, Priscila Gonçalves. História das práticas corporais e diversões na Zona da Mata Mineira: indícios a partir da imprensa de Cataguazes/MG e Juiz de Fora/MG. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 4, p. 405-428, dez. de 2018.

VILELA, Márcio Silviano. **Sobre trilhos**: subsídios para a história de Ribeirão Vermelho. Lavras: INDI, 1998.

OUTRAS FONTES

A ESTRELA DA OESTE, Divinópolis, 8 de junho de 1924, p. 1.

A VERDADE, Rio Preto, 14 de maio de 1922, p. 2.

A VOZ DO POVO, Lafaiete (Queluz de Minas), 10 de outubro de 1920, p. 3.

CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, 14 de outubro de 1920, p. 2.

COLOMBO, Campanha, 19 de junho de 1920, p. 4.

DIVINÓPOLIS, Divinópolis, 29 de julho de 1917, p. 3.

DIVINÓPOLIS, Divinópolis, 18 de fevereiro de 1917, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 de abril de 1924, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 17 de junho de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 de setembro de 1920, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 21 de janeiro de 1923, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 de novembro de 1923, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 de fevereiro de 1923, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 7 de dezembro de 1919, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 8 de fevereiro de 1920, p. 2.

GAZETA DE OURO FINO, Ouro Fino, 7 de junho de 1914, p. 1.

GAZETA DO NORTE, Montes Claros, 2 de junho 1928, p. 1.

MINAS GERAIS. **Anuário Estatístico**. Ano I (1921), vol. I, II, III, IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

O REFORMADOR, Divinópolis, 18 de janeiro de 1920, p. 3.

RECEBIDO EM: 27/01/2021
PARECER DADO EM: 13/04/2021